

A morte precisa de dignidade

24 JUL 1998

DF - Saúde

Zélia sofria de doença grave e não pôde receber os cuidados necessários por falta de condições do Hospital Universitário

Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do Correio

Uma doença rara, incurável e abandonada pela medicina. Esse foi o diagnóstico que o corretor Sérgio Luiz Spaulonci recebeu dos médicos do Sarah Kubitschek, que examinaram a mulher dele há pouco mais de um mês. Setenta e cinco dias depois que sentiu pela primeira vez falta de ar, Maria Zélia Spaulonci, 47 anos, morreu vítima da doença fulminante.

A enfermidade, conhecida por fibrose pulmonar, foi a mesma que levou o ministro da Comunicação Sérgio Motta à morte. "O pulmão se cicatrizava e pára de enviar oxigênio para o sangue. Ninguém sabe o que causa a doença ou como tratá-la", diz Sérgio.

Na mesma época em que saiu o diagnóstico da paciente, o corretor foi aconselhado a procurar tratamento no Hospital Universitário de Brasília (HUB) "onde estão os melhores pneumatologistas e reumatologistas de Brasília".

Foi o que fez há 35 dias. "Minha mulher passou a ser tratada com o

maior carinho e dedicação por parte dos profissionais do hospital. Todos eles são excelentes profissionais, por sinal", afirma. Maria Zélia teve que se submeter a diversos exames, receber doses diárias de oxigênio e iniciar um tratamento que não duraria muito.

Mas Sérgio não contava com a estrutura precária do HUB. Na madrugada de 5 de julho, Maria Zélia apresentou sinais de que precisaria urgentemente de cuidados especiais. Pouco antes das 23h, Sérgio notou que as mãos dela estavam pretas, devido à falta de oxigenação e ligou para o Hospital das Clínicas, em São Paulo, perguntando o que fazer. Sérgio foi orientado a levá-la ao hospital o mais rápido possível.

O corretor ligou para o HUB, que mandou uma ambulância. Começava nesse momento a pior noite da vida de Sérgio. "Quando chegamos ao hospital não havia leito na UTI para minha mulher. Todos estavam ocupados. Ela se tratava há mais de um mês no hospital e todos sabiam do estado grave e progressivo em que ela se encontrava. Era notório que logo chegaria a esse estado e

precisaria de um leito", diz, incomodado. O problema não se limitou à falta de leito.

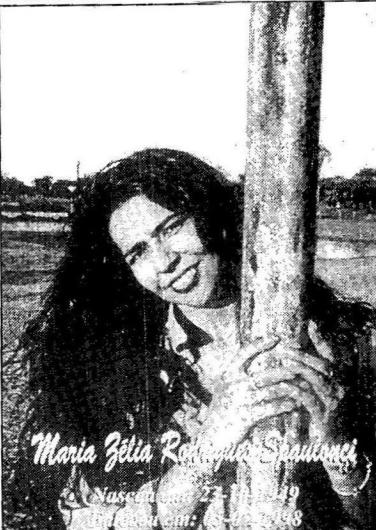
"O médico que nos atendeu e passou a noite toda com ela me disse que não confiava no respirador artificial que eles tinham disponível no hospital e me pediu ajuda", conta. O médico teria dito que ou "entubava" a paciente ou ela morreria.

Sérgio passou a ligar para os hospitais do DF em busca de um leito onde Maria pudesse ficar. Ligou para o Hospital de Base e para o Hran. Respostas negativas, a solução foi usar o tal respirador artificial e improvisar uma maca como leito de UTI. Isso foi feito às 2h.

Depois de acionar a Presidência da República e amigas enfermeiras, Sérgio conseguiu um leito no Hospital de Base. Um paciente morreu e Maria foi transportada às 14h. A mulher deu entrada no hospital 20 minutos depois. Não aguentou nem uma hora. Morreu logo depois.

"Não foi por causa da falta de leito que minha mulher morreu. Mesmo se estivesse na UTI, ela morreria. O problema é que nessa hora a única coisa que a gente espera é morrer com dignidade e ela não teve isso", desabafa. "Só quero fazer um desabafo para que o presidente da República e o ministro da Saúde olhem pelo HUB, que é de responsabilidade do governo federal. O ministro Sérgio Motta, por exemplo,

Álbum de família



Maria Zélia sofria de doença rara que impede a saída do ar dos pulmões

foi morrer em São Paulo. Ficou dias internado na UTI. Minha mulher não teve essa oportunidade", diz.

DÉFICIT

Não foi só esse problema que Sérgio pôde detectar no HUB. "O hospital conta com profissionais dedicados que fizeram de tudo para salvar ou amenizar a morte da minha mulher, mas está completamente desaparelhado, não tem estrutura nenhuma", afirma.

Segundo Sérgio, enquanto Maria esteve internada em um quarto do hospital, ele teve que arrumar a descarga do banheiro e colocar uma

CORREIO BRAZILIENSE

lâmpada no abajur. "Se o paciente estiver sozinho está arriscado a morrer. A campainha para chamar a enfermeira não funciona e quando eu abria o armário encontrava uma fileira de formigas", diz, acrescentando que durante a madrugada de 5 de julho por duas vezes faltou luz no hospital.

Talvez o motivo da falta de energia elétrica seja o fato de que o HUB não paga suas contas de água e luz por absoluta falta de recursos.

"Nossa receita é de R\$ 1 milhão. Gastamos cerca de R\$ 1.150.000,00. Nossos déficits chegam a R\$ 200 mil", afirma Elias Tavares de Araújo, diretor do hospital.

Segundo Elias, todos os recursos do hospital advêm da própria instituição. "A única ajuda que temos é do MEC e da UnB que pagam os salários de 415 funcionários e do Inamps que paga 612 funcionários", conta.

"O que acontece é que a paciente em questão (Maria) merecia atenção intensa e não foi dada essa atenção por absoluta falta de recursos. Só temos quatro leitos na UTI e não há recursos para equipá-la. Não temos um tomógrafo no hospital, por exemplo", afirma Elias.

O HUB recebe 750 alunos da graduação da UnB e mais 240 alunos de cursos de especialização. "Esse hospital é o que forma nossos futuros médicos", alerta Sérgio.